

Artigo

O protagonismo de três mulheres na edição universitária brasileira¹

The leading role of three women in the Brazilian university publishing

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto I, Sérgio Antônio Silva II

I Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

II Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

A edição universitária desenvolveu-se tardiamente no Brasil. Apesar disso, ocupa um espaço significativo no cenário editorial do país, não apenas na produção de obras relevantes, mas também na formação de profissionais e de autores. Diversas mulheres desempenharam e continuam a desempenhar papéis importantes na gestão dessas instituições. Sua atuação, porém, nem sempre consta na narrativa hegemônica e, por isso, nos deixa a impressão de ser menor ou menos qualificada. Neste artigo, no âmbito dos estudos da edição abordados sob uma perspectiva de gênero, é narrada a trajetória de três mulheres importantes na edição universitária no Brasil: Sônia Queiroz – Editora UFMG, Flávia Goulart Rosa – Edufba e Rita Argollo – Editus, bem como são descritas as contribuições ao desenvolvimento e profissionalização desse setor e as questões de gênero que passam essas histórias.

Palavras-chave: Mulheres; Edição universitária; Gênero e edição; Estudos editoriais

ABSTRACT

University publishing developed late in Brazil. Despite this, it occupies a significant space in the country's editorial scene, not only in the production of relevant works, but also in the training of professionals and authors. Several women have played, and still play, important roles in the management of these institutions. Their performance, however, is not always included in the hegemonic narrative, which, therefore, leaves us with the impression of they being less important or less qualified. In this article, within the scope of editorial studies approached from a gender perspective,.

Keywords: Women; University edition; Genre and Edition; Editorial studies

¹ Este artigo foi submetido e aprovado para publicação no 4 Caele (Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición), e faz parte de uma pesquisa em andamento, a partir das discussões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa "Mulheres na Edição", coordenado pelas pesquisadoras Ana Elisa Ribeiro, Maria do Rosário e Paula Renata Moreira (CEFET-MG). Mais detalhes sobre o grupo podem ser encontrados na página do Facebook: https://www.facebook.com/Mulhered/about/?ref=page_internal.

1 INTRODUÇÃO

As políticas feministas do século XX trouxeram, como impacto, a crescente participação de mulheres na área editorial, as quais produzem livros sobre uma diversidade de assuntos. Historicamente, no Brasil, a edição é um terreno marcado pela presença masculina e familiar, em que a tradição das casas editoriais frequentemente é passada de pai para filho. Somente a partir dos anos 1970 é que as mulheres puderam atuar de modo mais efetivo no setor, inclusive no âmbito universitário.

Percebe-se, desta forma, que o gênero não é um elemento neutro nas relações de trabalho no campo da edição, especialmente em se tratando de cargos de liderança, de maneira que diversas mulheres tiveram que abrir caminho, muitas vezes de forma quase anônima. Retratar essas trajetórias é tarefa fundamental, já que são poucos os registros, trazendo a falsa impressão de sua desimportância ou falta de autonomia.

No âmbito do presente artigo, foram entrevistadas três mulheres com experiência em gestão de editoras universitárias, em razão tanto de suas contribuições para o campo da edição quanto pela própria notoriedade das instituições. Foram realizadas pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, por videoconferência, com Sônia Queiroz, uma das fundadoras da Editora UFMG, Flávia Goulart Rosa, que participou decisivamente na criação da Edufba, e Rita Argollo, à frente da Editus. Os roteiros contemplavam desde questões sobre a biografia e atuação profissional dessas mulheres até questões de gênero e supostas dificuldades ou especificidades de seus contextos de atuação.

A Editora UFMG destaca-se no cenário editorial universitário brasileiro entre as mais profissionalizadas, comercializando suas obras com regularidade fiscal (emissão de nota fiscal) e possuindo um catálogo de mais de 1.300 obras. Sônia Queiroz foi uma das responsáveis pela estruturação e desenvolvimento da editora por quase uma década. Além disso, atuou e continua contribuindo em diversos projetos para formação profissional na área editorial na UFMG, como o Laboratório de Edição da Faculdade de Letras e os Cadernos Viva Voz. A Edufba também é uma editora consolidada, tendo sido uma das três consorciadas que lideraram a implantação do projeto SciELO Livros¹ e contabilizando mais de 800 títulos publicados. Flávia Goulart dirige atualmente a editora, e também possui uma extensa contribuição à área, tendo sido a primeira mulher a ocupar a Diretoria Executiva da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), de 2003 a 2005. Fundada em 1996, a Editus – Editora da Uesc – se destaca no desenvolvimento de ações como o Editus Digital, em que se disponibilizam todos os livros para download gratuito seis meses após terem sido publicados, e a promoção de eventos que incentivam a leitura, a exemplo de feiras e visitas em escolas e em outros espaços. Rita Virginia Argollo é diretora da Editus desde 2012 e preside a ABEU desde 2019, tendo desenvolvido ações importantes na área editorial acadêmica, como as feiras virtuais da associação.

Nos próximos tópicos, é brevemente contextualizada a edição nas universidades brasileiras, assim como a atuação dos editores dessas instituições. A seguir, são narradas as histórias das mulheres que são objeto da pesquisa, a partir das entrevistas realizadas, e, por

¹ O Portal SciELO Livros foi lançado em 2012, visando à publicação on-line de coleções nacionais e temáticas de livros acadêmicos, com o objetivo de maximizar a visibilidade, acessibilidade, uso e impacto das pesquisas, ensaios e estudos que publicam. Atualmente, possui 1.434 títulos disponíveis: <http://books.scielo.org/>.

fim, são tecidos alguns comentários sobre as informações coletadas à luz das questões de gênero.

2 EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

A edição universitária tem suas origens no contexto medieval, em que surgiram as primeiras universidades: “em função do ensino, o livro era instrumento vital para o trabalho e a própria essência da instituição” (BUFREM, 2001, p. 31). Com o advento da imprensa, as publicações se tornaram mais precisas e foram concedidos os direitos para reproduzi-las, dando início ao conceito moderno de edição. Surgem, então, as primeiras editoras universitárias, de Oxford e Cambridge, fundadas, respectivamente, em 1478 e 1521, com o objetivo de publicar livros religiosos e de ensino (BUFREM; GARCIA, 2014).

A partir desse momento, a editoração universitária se desenvolveu também em outras universidades, principalmente na Europa, Estados Unidos e América Latina, atrelada às inovações educacionais e tecnológicas e ao investimento público e privado em pesquisa. No Brasil, a implantação das editoras universitárias ocorreu tardiamente, na década de 1960, e se firmou na década seguinte, tanto como uma evolução dos serviços gráficos prestados pelas imprensas universitárias, quanto devido ao crescimento e profissionalização do mercado editorial brasileiro (BUFREM, 2001; MARQUES NETO, 2000).

Desde os anos 1980, as editoras foram amplamente disseminadas nas universidades – em decorrência das novas possibilidades trazidas pela emergência das tecnologias de informação e comunicação –, e seu papel como forte elo entre a produção acadêmica e a sociedade, fortalecido (ROCHA, 2015).

Em 2017, o Brasil possuía cerca de 150 editoras universitárias (DEAECTO; MARTINS FILHO, 2017). Por suas atividades, estas “tornam-se indispensáveis, apesar das limitações do seu alcance, especialmente como no Brasil, onde sua presença é recente” (BUFREM, 2001, p. 20). Atualmente, 127 delas são afiliadas à ABEU, associação nacional que tem como objetivos o fortalecimento das instituições participantes e a difusão do livro universitário.

Os livros produzidos nas universidades são de fundamental importância para a divulgação dos resultados da pesquisa científica, das ações de extensão e das atividades de ensino. Constituem parte fundamental do processo de “fazer ciência”, contribuindo para a definição de novos campos de estudos e para a troca e aprofundamento dos saberes. “Eles formam a infraestrutura básica por meio da qual pesquisadores e acadêmicos criam e transmitem o conhecimento e a compreensão que estão no cerne dessas disciplinas e os sustentam com saúde vibrante” (JUBB, 2017, p. 10, tradução dos autores).

Os projetos editoriais universitários têm papel no desenvolvimento de novos autores, de edições experimentais e da crítica e avaliação contínua dos resultados das pesquisas. Ainda, podem voltar-se para as peculiaridades regionais, “de modo a conservar a cultura das minorias ou dos modos de vida intimidados pela industrialização” (BUFREM, 2001, p. 20).

Há poucas pesquisas consolidadas sobre a trajetória das mulheres no campo da edição universitária no Brasil, especialmente sobre aquelas que ocupam posições de chefia. Trevisan et al. (2018) verificaram, em estudo cujo objeto de análise eram as editoras universitárias federais associadas à ABEU, que, dos 43 gestores dessas instituições, apenas 16 eram do sexo feminino (37,2%), concentradas principalmente na região sudeste do país. Conforme dados da própria associação referentes a todas as editoras afiliadas, atualmente esse percentual aumenta para 41,7% (dos 127 cargos de chefia, 53 são ocupados por mulheres).

Essa análise quantitativa, no entanto, é insuficiente para retratar as questões relacionadas ao gênero no campo da edição, já que, como afirma Sapiro (2019, p. 59), “o mundo das letras é também um lugar de observação das desigualdades entre os sexos e das clivagens de gênero”. No Brasil, a raridade de registros da história das mulheres editoras traz a “impressão errônea de que essas personagens também não existiram” (RIBEIRO, 2018a, p. 229). Dessa forma, há a necessidade de narrar as questões relacionadas a ser mulher em um campo tão masculino, principalmente no século XX.

A história das mulheres que desempenham a coordenação das editoras universitárias se entrelaça à própria história da edição universitária no país desde as décadas de 1970 e 1980 até os dias atuais. É o caso de Sônia Queiroz, diretora da Editora UFMG entre 1987 e 1995, Flávia Goulart Rosa, à frente da Edufba desde 1998 e diretora de comunicação na atual gestão da ABEU, e Rita Argollo, que comanda a Editus desde 2012 e é presidente da ABEU desde 2019.

3 O OFÍCIO DO EDITOR UNIVERSITÁRIO

Pode-se afirmar que “os editores desempenham um papel essencial na mediação cultural inventando as fórmulas capazes de associar repertório textual e capacidade produtiva” (CHARTIER, 2002, p. 75). Assim como contribuíram para salvaguardar o patrimônio escrito da humanidade por meio de sua transformação em objetos duráveis e difundidos, também auxiliaram a dominar esse excesso, empregando instrumentos de seleção, classificação e hierarquização.

Nas editoras universitárias, ao contrário das editoras comerciais privadas, a atuação dos editores é pautada por dois pilares: uma política editorial, que orienta a definição e planejamento do escopo de publicações da instituição; e a existência de conselhos ou comissões editoriais, os quais compartilham com o editor as funções de seleção e hierarquização das obras e são capazes de legitimar e credibilizar as publicações produzidas (MEDEIROS, 2018).

Ainda que a função de selecionar os originais seja compartilhada, os editores são responsáveis pelo planejamento e condução dos projetos editoriais (materializados na forma de catálogo), bem como pela estruturação física e administrativa das editoras. Para tal, é necessário um profundo conhecimento e interesse pelo campo da edição, sendo possível afirmar que o editar “é mais uma arte do que uma técnica” (BUFREM, 2001, p. 148). Além de atuarem como agentes culturais, coordenando a criação e distribuição de produtos culturais, os editores universitários ainda acumulam as responsabilidades derivadas do trato com o bem-público, buscando otimizar os custos de produção e a rentabilização ou autossuficiência financeira de suas instituições.

Conforme apontado por Leilah Bufrem em levantamento realizado sobre as editoras universitárias nas décadas de 1980 e 1990, a própria denominação que designa o responsável pela editora varia de uma instituição para outra, bem como suas competências. Isso porque há uma discrepância entre as estruturas das editoras universitárias, tanto em relação à quantidade de funcionários, quanto à divisão de funções entre os membros da equipe e os conselhos editoriais. Assim, são comuns os termos diretor, diretor geral, diretor administrativo, coordenador geral, coordenador e presidente. Em grande parte das vezes, o responsável é também o editor e o presidente do conselho editorial, cabendo a ele participar da tomada de decisão a respeito de questões editoriais e exercer as competências do setor editorial.

Não obstante as distintas estruturas existentes, o editor universitário deve aliar as características de um bom administrador (como a capacidade de planejar e gerir equipes) às de um bom editor (com pleno domínio do processo de produção do livro). Isso normalmente em um contexto de dificuldades estruturais no qual as editoras foram sendo criadas nas instituições de ensino superior, “sem que as mínimas condições prévias lhes sejam dadas” (BUFREM, 2001, p. 148).

De acordo com Leilah Bufrem, “os responsáveis pelas editoras universitárias, na sua maioria, também aprenderam na prática, num processo de autodidatismo necessário especialmente pela natureza das instituições onde trabalham” (BUFREM, 2001, p. 149).

Em relação às nossas entrevistadas, é possível perceber que todas elas têm suas histórias imbricadas nesse cenário, tendo empreendido um grande esforço pessoal no sentido de encontrarem a solução para questões não raro desconhecidas e inesperadas, com o objetivo de profissionalizar a edição universitária. O registro e o recontar dessas histórias é, nesse sentido, de extrema relevância, visto que, “embora o cargo de editor seja de maior importância e, pela sua natureza, essencial para a constituição e a permanência de uma editora, parece que ainda não foi lhe dado o seu devido valor” (BUFREM, 2001, p. 210).

4 SÔNIA QUEIROZ E A EDITORA UFMG¹

Sônia Maria de Melo Queiroz possui uma extensa e exitosa trajetória profissional na UFMG, que já se aproxima de quatro décadas. A relação com a instituição, entretanto, começou antes, na década de 1970, como discente. Aluna do curso de Letras e apaixonada por poesia, Sônia desde cedo se envolveu no universo da produção e comercialização de livros. Primeiro rodando obras independentes assinadas por ela mesma e por amigos, na gráfica do DCE. Depois, na editora comercial Interlivros, onde teve oportunidade de transitar por todos os setores e etapas do processo de produção.

Profissionalmente, a UFMG passou a fazer parte da vida de Sônia em 1983, aprovada em concurso para docente na Faculdade de Letras. Alguns anos mais tarde, a convite do então reitor Cid Veloso, Sônia assumiu o Serviço Editorial da Universidade e a missão de transformá-lo em editora. Foram oito anos e meio à frente da Editora UFMG, conduzida de uma salinha com uma única máquina de escrever a uma das principais editoras universitárias do país.

¹ Sônia Maria de Melo Queiroz foi entrevistada pelos autores em 27 de janeiro de 2021.

Não bastasse o mérito de conseguir dar o status de editora ao que antes era um setor da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG e de elevá-la a um patamar de excelência, Sônia também foi responsável por outros grandes projetos, como a criação de coleções. A partir de projeto gráfico desenvolvido por Glória Campos, com direção de arte da Mangá Ilustração e Design, praticamente todo o catálogo da editora passou a seguir uma nova e mais moderna concepção material e visual, agregando valor a importantes textos científicos, filológicos, didáticos e literários.

Essa, contudo, foi apenas uma das muitas parcerias que Sônia faz questão de recordar ao falar de seu período à frente da Editora UFMG. Partindo dos conselhos, formados por professores da UFMG e essenciais à garantia da qualidade do material publicado, passando pelos funcionários técnicos e administrativos e chegando aos estagiários de preparação de originais, revisão de texto e produção gráfica.

Entre tantos profissionais destaca-se, pelo propósito deste artigo, Silvana Coser. Funcionária de carreira na Editora UFMG, atuou nos setores de marketing e vendas e, logo no primeiro mandato de Wander Melo Miranda, tornou-se vice-diretora, assumindo, assim, a função de editora.

Para Sônia, que ainda leciona na UFMG, coordena o Centro de Memória da Faculdade de Letras e foi diretamente responsável pela implantação do bacharelado em Edição no curso de Letras da instituição, ter galgado as posições que ocupou, do ponto de vista de uma análise de gênero, é fruto de um processo histórico e se deu sem dificuldades ou preconceitos: “se era até proibido para a mulher frequentar a escola, como ela iria se tornar editora de livros?”.

Horizonte aberto também encontrou a Editora UFMG nas décadas que se seguiram à gestão de Sônia Queiroz, muito graças à estruturação promovida por ela. Foram implementadas novas formas de venda, ampliando os canais de distribuição, e, em 2019, a editora iniciou a produção de e-books. Atualmente, suas publicações são organizadas em selos, coleções e obras avulsas.

5 FLÁVIA GOULART ROSA E A EDUFBA¹

Nos mesmos anos 1970 em que Sônia Queiroz se dedicava à graduação em Letras na UFMG, a mais de 1.300 km de distância, em Salvador, Flávia Goulart cursava as cadeiras de Jornalismo na UFBA. Assim como a colega mineira, teve contato com o universo editorial ainda na graduação, como estagiária. Anos mais tarde, já mestre em Ciências da Informação, foi efetivada como docente na Universidade e envolveu-se com, veja só, o embrião do que viria a ser a Edufba, o Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia.

Se, para Sônia, a missão de criar a Editora UFMG veio do reitor Cid Veloso, no caso de Flávia a tarefa foi recebida das mãos do reitor Rogério da Costa Vargens. E para dar cabo

¹ Flavia Goulart Mota Garcia Rosa foi entrevistada pelos autores em 12 de fevereiro de 2021.

a ela, Flávia buscou formação técnica, especialmente nos cursos ofertados na Escola SENAI Theobaldo de Nigris ¹.

Outra circunstância que veio a calhar no período foi sua transferência para o curso de Design, vinculado à Escola de Belas Artes, onde pôde conciliar as tarefas letivas com a prática da edição.

À frente da transição de um centro editorial para uma editora, Flávia coordenou uma profissionalização do setor na Universidade, mas que não veio sem alguns traumas. O maior deles, segundo a entrevistada, foi a extinção da gráfica e o leilão dos equipamentos. Apesar de lamentar a decisão, Flávia explica que o fato fez com que a editora buscasse alternativas para a produção dos livros impressos, antecipando, por exemplo, uma tendência que só depois veio a se firmar no mercado, que é a impressão por demanda.

Outro aspecto inovador da trajetória da entrevistada e da Edufba deriva de sua pesquisa de doutorado², que trata do acesso aberto e a disponibilização de conteúdo num repositório que, mais tarde, foi implantado pela Universidade com muito sucesso.

No tocante à visão feminina da profissão, Flávia se alinha a Sônia Queiroz para discordar que haja fragilidade na posição da mulher no contexto editorial, ainda que reconheça se tratar de um universo predominantemente masculino, especialmente por derivar da indústria gráfica. Por outro lado, Flávia também ressalta o que ela considera ser um “sexto sentido” feminino, uma sensibilidade que, no processo editorial, traria ganhos em relação à “aridez” supostamente masculina.

Essa aridez, segundo Flávia, persistiu por várias gerações nas editoras nacionais, tradicionalmente familiares, e ainda persiste especialmente na Bahia. O oásis seria mesmo a edição universitária, onde os principais desafios se concentram no desmonte dos serviços públicos, que afetam não só as editoras, mas as universidades como um todo.

6 RITA ARGOLLO E A EDITUS³

Rita Argollo, assim como Flávia Goulart, é graduada em Jornalismo pela UFBA (1994). Natural de Ilhéus, mudou-se para Salvador já que a instituição com sede no município, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), não oferecia o curso. De volta à sua cidade natal, realizou especialização em História regional na UESC e, uma vez que esta já havia criado o curso de Comunicação, ingressou como professora substituta. Depois cursou o mestrado em Educação, com ênfase na prática de jornalismo impresso, e o doutorado também em Educação, estudando as interfaces entre comunicação e educação e a cibercultura.

¹ A Escola SENAI Theobaldo de Nigris tem sua origem em 1945, em São Paulo, sendo destinada à formação de aprendizes na área de Artes Gráficas. Em 1971, a partir de cooperação técnica com a Associação de Construtores Industriais de Máquinas Gráficas e Afins (ACIMGA), da Itália, passou a oferecer também o curso “Técnico em Artes Gráficas”. Atualmente, a escola oferece cursos superior e de pós-graduação relacionados à tecnologia gráfica, além de técnicos e à distância. Ver mais em: <https://grafica.sp.senai.br/institucional/1369/1368/sobre-a-escola>.

² O doutorado teve como tema A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu Repositório Institucional: uma política de acesso aberto, e foi orientado pelo Prof. Dr. Marcos Palácios e defendido em 2011 na UFBA.

³ Rita Virginia Argollo foi entrevistada pelos autores em 15 de abril de 2021.

Já concursada pela UESC, ocupou cargos de vice e coordenadora do curso de Comunicação e desenvolveu uma série de projetos, como a implantação da TV universitária, que culminaram no convite, em 2012, para dirigir a editora. Rita destaca que, embora não tivesse trabalhado ainda com editoração, havia a proximidade com o jornalismo e produção audiovisual, assim como o trabalho com imagens, fontes, direitos autorais etc.

Suas primeiras ações na editora tiveram como escopo, uma vez compreendidas as rotinas produtivas, a sistematização e documentação dos processos (como contratos e termos) e a adoção de softwares especializados, com o objetivo de profissionalizar as práticas editoriais. Rita ressalta, nesse ponto, as dificuldades inerentes às instituições públicas, como na realização de processos licitatórios de compras: “Esse trabalho burocrático foi e é muito pesado”.

A gestão de Rita na Editus tem sido marcada, ainda, por diversas iniciativas de promoção da editora e de formação de leitores, tanto presencialmente quanto por meio das redes sociais. Entre elas, a entrevistada destacou o “Lugar para ler”, que consiste na implantação de pequenas bibliotecas nos locais de maior movimentação dos discentes da universidade no campus; o “Editus na Escola” – visitas de professores autores de livros juvenis em escolas –; a parceria com a TV local para ações de leitura concomitantes à realização de concurso de redação; o “Projeto Leia”, em que pessoas convidadas leem trechos de livros do catálogo nas redes sociais; e o “Tá na mão”, adaptação de livros infantis para stories de Instagram.

Em relação ao recorte de gênero, quando perguntada se encontrou desafios pelo fato de ser mulher, Rita afirmou que sim, assim como todas as mulheres, porém que acabou desenvolvendo estratégias para lidar com as situações. Quando foi eleita presidente da ABEU, por exemplo, ouviu que “precisavam de uma mulher” no cargo, ao que respondeu: “estou assumindo não porque sou mulher, mas porque sou competente”.

Quanto aos rumos para a edição universitária brasileira, as oportunidades colocadas por Rita se coadunam com suas ações à frente da ABEU: a necessidade de promover o diálogo com outras instituições da América Latina, por meio, por exemplo, de catálogo compartilhado com a Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe (EULAC), e o desenvolvimento de ações de democratização do acesso, por meio de feiras e eventos virtuais.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A edição, quando vista sob a perspectiva de gênero, ganha outro aspecto, invisível numa perspectiva pretensamente universalizante (RIBEIRO; PEREIRA; MOREIRA, 2021). No caso das mulheres editoras, esta própria expressão necessita ser reforçada, já que “editora” normalmente diz respeito às casas editoriais e, raramente, à mulher ou cargo ocupado por uma profissional do sexo feminino (RIBEIRO, 2018b).

No Brasil e na América Latina, o campo editorial é marcado por uma administração tradicionalmente masculina, ainda que as mulheres sempre tenham desempenhado múltiplas tarefas (MIHAL; RIBEIRO; SZPILBARG, 2020, p. 11). Desse modo, as histórias das mulheres editoras ainda estão por ser narradas, de maneira a tornar visível sua contribuição para os avanços do mercado.

Neste texto, buscamos considerar as mulheres analisadas desde o que significa ser uma mulher editora universitária, passando pelo reconhecimento de suas contribuições na gestão editorial brasileira, em uma reflexão sobre questões de gênero ligadas à prática do trabalho.

A partir dos relatos, foi possível perceber que suas trajetórias coincidem com o que Ribeiro chama de boom de mulheres editoras no Brasil¹. Ainda, a própria presença das mulheres nos espaços universitários também foi um movimento observado no país a partir dos anos 1960 e intensificado nas décadas seguintes (ALVES et al., 2017).

As três entrevistadas reconhecem que a questão do gênero tem impacto no campo da edição, já que é uma área historicamente masculina, porém negam que tenham encontrado dificuldades para ocuparem seus cargos em função do fato de serem mulheres, e afirmam ter muito respeito dos pares, inclusive por “se imporem” e “não se deixarem subjugar”. Alguns dos depoimentos, sobre como tiveram que ajustar as vestimentas, ou o conteúdo e tom de suas falas, nos levam a questionar se não tiveram que lidar com traços evidentes da violência simbólica de que trata Bourdieu: “a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados” (BOURDIEU, 2012, p.34).

As decisões do editor se materializam num plano que vai além da técnica, mas que inclui o reconhecimento de sua autoridade para propor um padrão classificativo do que é publicado (MEDEIROS, 2012, p. 36). Essa autoridade aparece como um esforço de construção que deriva do posicionamento e da atitude dessas mulheres frente aos desafios que lhes são impostos. Em outras palavras, a responsabilidade de reforçar a legitimidade e a autoridade dessas mulheres recai sobre elas, como se tivessem que provar que são iguais em direitos e competências.

Ainda, o meio científico acaba por reproduzir estereótipos de gênero, expulsando as mulheres do campo da objetividade “em função de sua sensibilidade, sua intuição, seu apego às coisas da alma etc.” (LIMA E SOUZA, 2002, p. 77). Como consequência, essa própria “intuição feminina” estimula ou obriga a atenção e a vigilância “necessárias para prever os desejos ou pressentir os desacordos” (BOURDIEU, 2012, p. 42).

Embora, conforme já mencionado, as análises estritamente quantitativas ainda sejam insuficientes para a compreensão das questões de gênero na edição, vale ressaltar que, até os dias de hoje, não alcançamos a paridade numérica entre homens e mulheres nas direções das editoras comerciais e universitárias.

Diante desse cenário, salientamos a pluralidade de mulheres à frente de editoras universitárias cuja história merece ser narrada, algumas delas indicadas pelas próprias entrevistadas, como é o caso de Silvana Coser, Maria do Carmo Guedes, Estela dos Santos e Leilah Bufrem, e tantas outras que deixaram e deixam a sua marca na produção e difusão de publicações universitárias no país.

¹ Em seu texto, Ribeiro (2020) trata do surgimento de casas editoriais de livros literários fundadas e dirigidas por mulheres, em um cenário hegemonicamente masculino.

AGRADECIMENTOS

Às nossas entrevistadas, professoras Sônia, Flávia e Rita, e a todas as mulheres que se dedicam, com força e afeto, à edição de livros.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D. et al. Meio século de feminismo e empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil. In: BLAY, E. A.; AVELAR, L. (Org.). 50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: EDUSP, 2017. pp. 15-54.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUFREM, L. S. Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp, 2001.

BUFREM, L. S.; GARCIA, T. M. B. A editora universitária e o compromisso da universidade com as práticas de divulgação do conhecimento produzido. Em *Questão*. v. 20, n. 1, p. 151-164, 2014.

CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Unesp, 2002.

DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio. Livros e universidades. São Paulo: Com-Arte, 2017.

JUBB, Michael. Academic books and their future. Arts and Humanities Research Council. British Library Academic. Book of the Future Project, 2017. Disponível em: https://academicbookfuture.files.wordpress.com/2017/06/academic-books-and-their-futures_jubb1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

LIMA E SOUZA, Angela Maria Freire de. O viés androcêntrico em biologia. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Feminismo, ciência e tecnologia. Salvador: REDOR, NEIM-FFCH, UFBA, 2002.

MARQUES NETO, J. C. A editora universitária, os livros do século XXI e seus leitores. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, v. 4, n. 7, ago. 2000.

MEDEIROS, Nuno. Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 9, 2012, pp. 33-48

MEDEIROS, Nuno. O Mercado do Livro, a edição e a Universidade em Portugal: Traços Contemporâneos. In: DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio. Livros e universidades. São Paulo: Com-Arte, 2017.

MIHAL, Ivana; RIBEIRO, Ana Elisa; SZPILBARG, Daniela. Introducción: Editoras y autorías: las mujeres en el mundo editorial latinoamericano. *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, n. 107, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. O apagamento das mulheres editoras. *Itinerários: Revista de Literatura*. Araraquara, n. 47, p. 229-232, jul./dez. 2018a. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/10881/8099/36057>. Acesso em: 7 de jan. de 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. Mulheres editoras de livros (literários): por um mapeamento preliminar no Brasil. In: GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; MARTINS, Bruno Guimarães; GONÇALVES, Márcio Souza (org.). Edição: agentes e objetos, Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2018b.

RIBEIRO, Ana Elisa. Mulheres na edição: o caso de Tânia Diniz e o mural Mulheres.

RIBEIRO, Ana Elisa. Mulheres na edição: o caso de Tânia Diniz e o mural Mulheres Emergentes. *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, n. 107, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa; PEREIRA, Maria do Rosário A.; MOREIRA, Renata (orgs.), Prezada editora, mulheres no mercado editorial brasileiro. Belo Horizonte: Contafios, Moínhos, 2021.

ROCHA, Maria Amália. Considerações sobre o trabalho de uma editora universitária. *Acta Científica*, v. 24, n. 2, pp. 19-35, 2015.

SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

TREVISAN, L. V. et al. Análise do Perfil dos Gestores das Editoras Universitárias Federais Brasileiras Associadas à ABEU. *Revista de Administração do UNIFATEA*, n. 16, v. 16, jan./jun., 2018.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Doutoranda e Mestra em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8298-2615>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1805436004520000>

Contribuição: Escrita

Sérgio Antônio Silva

Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4802-700X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9285512367945785>

Contribuição: Coautoria